

PORTOS DE MEMÓRIAS: COTIDIANO, TRABALHO E HISTÓRIA NO MARAJÓ DAS FLORESTAS

Agenor Sarraf Pacheco

Mestre e Doutor em História Social pela PUC-SP. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará

RESUMO: O artigo discute a importância desempenhada pelos portos de cidades ribeirinhas na Amazônia na compreensão do fazer-se do cotidiano, do trabalho e da história urbana. Para realizar essa leitura, a investigação recuperou experiências de pesquisa sobre o dia-a-dia de diversos trabalhadores, construtores de vivências nos espaços portuários da cidade de Breves, no Marajó das Florestas, por meio de memórias produzidas nas relações entre-vistas* que alunos do curso de Licenciatura em História pela UVA estabeleceram com diferentes trabalhadores. Para adensar o entendimento da realidade em debate, o estudo utilizou-se ainda de memórias produzidas por Ademir Neves, professor marajoara, em sua monografia de conclusão de curso. Desse modo, explorando narrativas, memórias e outras informações, o artigo procura dar visibilidade à multiplicidade de sentidos que se pode captar de experiências histórico-sociais e relações de trabalho nos portos breveses. Nessas relações, lembranças de viveres urbanos são referências para se apreender contendas e sociabilidades na produção, ressignificação e refazer do trabalho e da identidade da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: porto, memória, cidade, trabalho, Vivência.

1. Pelas margens da cidade: *Entradas*

Por ser gerada individualmente, a memória só se torna coletiva no mito, no folclore, nas instituições e por delegação. (...) A memória coletiva, assim, longe de espontaneidade que muitos lhe atribuem, seria mediatizada por ideologias, linguagens, senso comum e instituições, ou seja: seria uma memória dividida (AMADO apud PORTELLI, 2001).



Foto 1: Beira do rio Parauau que margeia a cidade de Breves, espaço de venda de diferentes frutos plantados ou extraídos da própria floresta marajoaras. Na imagem, vendedores de melancia apresentam seu produto, convidando os transeuntes a adquirirem com a propaganda de ser docinho e saudável. Breves, 17 de janeiro de 2006. Foto da pesquisa de (CRUZ, ANTEMES & CRUZ, 2006, p. 99).

Superar as barreiras das generalizações que a tradição das pesquisas em ciências sociais impôs à escrita da história tem sido um dos grandes desafios da investigação histórica em tempos atuais. Partindo da idéia de que experiências individuais representativas permitem o entendimento das complexas relações sociais produzidas por diversos agrupamentos humanos, e tomando a memória nas suas muitas facetas e

suportes de leitura como a maior ferramenta que o historiador pode recorrer para desenvolver seu *metier*, neste texto procuro trazer à baila lembranças de moradores sobre as transformações processadas no cotidiano da cidade de Breves² e experiências de trabalhadores que alinhavam vivências na orla dessa cidade, inspirando-me em suas memórias individuais, mas socialmente produzidas.

De antemão é preciso lembrar que nas três últimas décadas, as pesquisas em humanidades procuraram valorizar trajetórias de trabalhadores que fizeram de sua força humana uma ligadura com o mundo das fábricas. Vastíssima bibliografia pode ser escavada em seus mais variados matizes e ângulos de abordagens. Para além do trabalho institucionalizado, as sociedades humanas inventaram outras relações de trabalho que colocam em cheque ou revelam a incapacidade das administrações públicas e empresas privadas de garantir altos índices de emprego, especialmente em cidades ribeirinhas esparramadas pelo interior da Amazônia paraense.

Desta maneira, fugindo das polaridades conceituais que enrijecem movimentações de trabalhadores em torno de suas lutas pela vida, quando encapsulados nas categorias trabalho formal e trabalho informal, e pretendendo analisar as relações por dentro dos sentidos que os próprios sujeitos históricos atribuem às suas práticas sociais, objetivo, neste artigo, compartilhar uma experiência de pesquisa desenvolvida em parceria com alunos do ensino superior, na cidade de Breves³, importante cidade ribeirinha marajoara, onde o centro da vida urbana com sua dinâmica social está incrustado em sua orla.

Adensei o debate sobre esta realidade, retrabalhando sentidos e significados de memórias urbanas captadas pelo professor brevesense Ademir Neves e apresentadas em sua monografia de conclusão do curso de Licenciatura e Bacharelado em História pela UFPA, “O cotidiano portuário de Breves em 1990” (NEVES, 1998).

O projeto “Memórias da Sobrevivência: Cotidiano e Modos de Trabalho no Porto de Breves”, foi coordenado por mim e realizado com a participação de alunos marajoaras do curso de Licenciatura em História pela Universidade Vale do Acaraú, no período de 04 a 20 de janeiro de 2006. Ele foi parte integrante do trabalho desenvolvido por meio das disciplinas: “O conhecimento e o homem; Os caminhos do conhecimento; A ciência do homem”, culminando com a efetivação da Oficina de prática – “Os caminhos do conhecimento”, quando os alunos, após recuperarem vozes pouco audíveis para pesquisas convencionais e trabalharem seus traços e falas mais significativas, apoiados em textos teórico-metodológicos sobre memória ((PORTELLI, 1997), (THOMSON, 1997); cotidiano (HELLER, 2000), (DIAS, 1995); cidade (PECHMAN, 1994), (FENELON, 1999) e trabalho (PINHEIRO, 1998), (SANTANA, 1998), socializaram os resultados de suas investigações em forma de artigos científicos, disponibilizados numa coletânea por mim organizada.

Ao eleger como espaço de investigação as relações de trabalho exercidas na orla de uma influente cidade ribeirinha no Marajó das Florestas, procurando dar visibilidade para anônimos, autônomos e específicos trabalhadores urbanos, apreendo que há uma batalha pela vida e um jeito peculiar de reivindicar o direito de morar e partilhar das conquistas da/na cidade.

Assim, no decorrer deste artigo, tento pôr em evidência a maneira como o espaço portuário de Breves é um *locus* onde a vida da cidade se revela em plurais relações sociais e diversificadas formas de trabalho. Do vendedor de picolé às profissionais do sexo, passando por diferentes vendedores e carregadores de mercadorias, encomendas e bagagens que ali entram e saem, este trabalho sobre Breves ainda sinaliza que pesquisas históricas sobre dinâmicas urbanas em territorialidades ribeirinhas não podem deixar de focalizar teias de intrincados relacionamentos sociais constituídas em seus portos.

Tais espaços – aqui lidos como “portos de memórias” porque guardam registros de vivências sociais, sejam orais, escritas ou visuais – deslocam relações comerciais do chamado centro da cidade para suas bordas, fazendo ver como em urbanidades ribeirinhas o pulsar da vida tem outros lugares e representações, constituindo, portanto, novos espaços onde as memórias reverberam latejantes.

2. Outros olhares sobre o trabalho e a cidade

Se apreendermos o cotidiano como laboratório de onde é possível extrair compreensões e conhecimentos de viveres urbanos (DIAS, 1995; HELLER, 2000), outros temas e problemas de pesquisa facilmente se revelarão. Esse empreendimento permite sistematizar saberes necessários à compreensão das muitas formas do viver em sociedade e, ao mesmo tempo, questionar maneiras tradicionais de pensar e produzir pesquisa social.

Trafegando pela vertente do cotidiano e da história local, sustentada em memórias de seus habitantes, interessante reflexão foi produzida pelas alunas Maila e Maria de Jesus:

Em nossa sociedade, as memórias tidas como dignas de registro são aquelas produzidas pelas classes dominantes, constituindo uma história oficial que exclui outros sujeitos sociais. Partindo do trabalho com a história oral, procuramos evidenciar esse marco de contradições vividas nos bancos escolares, valorizamos, portanto, em nossa investigação o diálogo com “vendedores de picolés e sorvetes”, que atuam na zona portuária de Breves. Trabalhando experiências de vida desses agentes sociais, podemos modificar o curso de se produzir conhecimento somente com as memórias vencedoras que quiseram ser a única via para se compreender os fatos históricos (SILVA & NOGUEIRA, 2006, p. 26).

A respeito das pesquisas sobre novos temas, sujeitos e problemas de investigação, escritos de Teresinha Bernardo auxiliaram-me a realizar esclarecimentos sobre a desvalorização dada pelas Ciências Humanas ao vivido diariamente.

No Brasil, somente a partir dos anos 80 os estudos sobre a vida e o cotidiano de grupos sociais anônimos passam a fazer parte das preocupações dos historiadores e dos cientistas sociais. O pensamento iconoclasta que encontra morada no positivismo e em suas variantes, não elegeu aspectos como o vivido e o imaginado de homens e mulheres, crianças e grupos culturais que simplesmente permaneceram escondidos (BERNARDO, 2000, p. 12-3).

Seguindo linhas desse pensamento, dialogo com Antonacci (1998) quando refletindo sobre a temática da cultura e do trabalho, faz aprofundar propósitos em ler a realidade brevesse na perspectiva dos Estudos Culturais:

Rompemos com pressupostos racionalistas que, privilegiando as relações de produção, silenciam as práticas engendradas nas inter-relações cotidianas e os modos como os sujeitos trabalham suas experiências e as expressam em seu universo de valores, costumes e tradições, isto é, em sua cultura (ANTONACCI, 1998, p. 08).

Desta forma, no veio dos Estudos Culturais (WILLIAMS, 1979, HALL, 2003), passo a compreender cultura no horizonte de processos de lutas sociais que gestam modos de vida. Sua importância se mostra para além do entretenimento, pois alcança a produção de toda vida material e imaterial em seus modos de ser, viver, pensar, sustentada sempre por símbolos, sentidos e significações sociais. Para os propósitos deste artigo, a cultura também engloba diferentes maneiras como variados sujeitos sociais “experimentam a dominação, a transgressão, a resistência, forjando negociações e alternativas a partir de suas necessidades, impregnadas de significações culturais” (ANTONACCI, 1998, p. 07).

O que ocorria, por exemplo, com as mulheres lavadeiras, na Escócia do século XVIII, analisado por Macedo, pode ser facilmente percebido ainda hoje, quando se lida com modos de vida e trabalho de populações urbanas economicamente empobrecidas. Semelhanças desse processo de discriminação são vislumbradas nas palavras da autora: “O atributo de inferioridade social que lhes tem sido conferido, ao longo da história, contribui para tornar seu trabalho quase invisível, bem como irrelevante para os avanços das forças produtivas” (MACEDO, 1998, p. 59).

Em tempos de crise, escassez e empobrecimento generalizado (NEVES, 1998, p. 39), desemprego, instabilidade no emprego ou eventuais atividades concomitantes ao esgotamento de práticas extrativistas e expulsão de trabalhadores da floresta para a cidade, focalizar interesse para territórios de trabalhos silenciados, permite perceber como moradores urbanos nascidos ou migrantes para esse espaço, em suas próprias formas de lutar pela vida, elaboram nas contradições sociais, artimanhas para “reconstruir e reinventar sua cultura”, fazendo explodir na composição e visibilidade do viver na cidade, outras formas de reivindicar uma vida melhor, mesmo que a “pobreza, a exclusão e a informalidade assumam – ao invés do trabalho/emprego – a frente do cenário” (ANTONACCI, 1998, p. 07).

3. Histórias dos portos, memórias de Breves

Na Amazônia, geralmente o porto é a porta de entrada de uma cidade. Dividindo e integrando a cidade com o rio, estudar o porto de Breves permite compreender especificidades nas formas como cidades ribeirinhas marajoaras são historicamente gestadas.

No porto ocorrem diversificadas práticas sociais. Em meio às chegadas e saídas das embarcações e gentes que perfilam os trapiches, universos de relações de trabalho, comerciais, políticas, afetivas vão sendo esquadrihadas, dinamizando e alterando a cultura da cidade, sua estrutura física, desenho paisagístico e trajetórias históricas.

Cruzando a leitura do trabalho de Ademir Neves (1998), cujas pesquisas foram realizadas entre os anos de 1996 e 1998, com a investigação dos alunos que produziram a coletânea “Memórias da Sobrevivência” quase dez anos depois, percebo que o cenário portuário de Breves constitui-se como um local historicamente efêmero. Sua paisagem natural, física e humana sofre constantes modificações, fazendo antigos visitantes estranharem-na. Ontem havia um posto de vendas de óleo, gasolina e derivados, hoje uma outra arquitetura invade o cenário urbano. Muda-se não somente a atividade, como também seu proprietário, nome do estabelecimento, relações comerciais. O espaço torna-se um território transformado para fazer funcionar não somente as engrenagens do capital, mas também intrincadas e complexas relações sócio-culturais, intensificando o viver desta cidade ribeirinha amazônica.

A porta da cidade revela a fotografia de um rosário de portos – Porto Feira do Açaí, Porto Cardoso, Porto Fluvial da 8ª. Regional de Proteção Social (antiga Sucam), Trapiche Municipal⁴, Terminal Hidroviário⁵, Porto da Paragás, Porto de propriedade do Sr. Lino Alves, onde fica instalado o posto São Benedito, Porto São Domingo, Porto Bom Jesus, Porto Feira do Pescado, em frente ao mercado municipal Teófilo dos Santos Paes. Segundo Neves é neste espaço onde ocorre o maior fluxo de caminhantes na cidade, em virtude da presença do mercado.

Seguindo esse percurso pelos trapiches, num lance de olhos encontro ainda o porto Custódio de propriedade do Sr. Vadico de Almeida (falecido), porto Idevaldo Paes (Casa Ideal), porto do Sr. Adilson Almeida (Organizações Almeida), porto do Tupinambá (Estância Tupinambá), Porto do Sr. Alípio Caramês, passando por outros portos menores, por fim deparo-me com o Porto Leão do Marajó. Com exceção dos portos municipais, o restante é de propriedade particular, como verifiquei em suas denominações, trazendo a identidade de pessoas economicamente influentes na cidade.

Num olhar atento a fim de aguçar percepções para captar a importância que esses portos exercem na vida da cidade, vejo um espaço urbano em que seu centro está em suas bordas, o que insere Breves no movimento singular que vive muitas cidades amazônicas cercadas por imensidões de rios e águas. É uma cidade que nasce de rosto para o rio Parauau, dialoga com a vegetação e as formas de comercializar, trabalhar, viver e conviver de populações ribeirinhas, habitantes do Marajó das Florestas, que estão em constante trânsito entre a floresta e a cidade (PACHECO, 2006).

Pesquisas sobre territórios urbanos têm demonstrado que a partir de pontos potencializadores de onde se permite a visualidade de determinadas práticas sociais, como neste caso em que foi eleito o cotidiano do trabalho portuário de Breves, apreendem-se entendimentos da composição histórica da cidade. Por meio de um olhar disciplinado e investigativo, o pesquisador pode surpreender histórias de construções, reconstruções, transformações, permanências e viveres da cidade. É possível que, a partir das fontes de pesquisa rastreadas e do tempo a ela dedicado, reconstituir dimensões do espaço urbano do passado com seus agentes históricos, formas de trabalho, modos de vida, expressos em conflitos, negociações, sociabilidades, dominações e resistências.

Ao mergulhar neste cotidiano, vejo que o sonho por conquistar uma vida melhor faz homens e mulheres colocarem-se em processos fronteirios, transformando tudo que está ao seu redor. Não por acaso, essa movimentação faz abandonar, preservar e ressignificar valores, costumes e tradições oriundas de seus antigos espaços de moradia.

Foram com alguns destes homens e mulheres migrantes de espaços florestais com quem o professor Ademir Neves e os alunos da UVA colocaram-se em entre-vistas nos portos brevesenses. As leituras realizadas com diversos trabalhadores fixos ou itinerantes destes ambientes de trabalho, compõem um olhar panorâmico do trabalhar na orla e viver na cidade. Possibilita ainda sondar relampejares das transformações pelas quais Breves passou nas últimas décadas em função dos jogos de interesses, perspectivas de mundo e projetos dos diferentes grupos sociais que ali foram se constituindo.

Na leitura das entrevistas coletadas e exploradas pelos autores da coletânea “Memórias da Sobrevivência”, identifico a construção de uma cidade do trabalho, não do trabalho assalariado, mas de formas de trabalhar que mesmo classificadas como anônimas e autônomas, modificaram a paisagem e o curso da história brevesense, aquecendo o setor de serviços, produtivo e consumidor, assim como influência na (re)construção do modo de viver dos moradores que segue tensionado pelo jeito florestal e urbano de ser.

Pelas centelhas da memória de carregadores de mercadorias e bagagens, vendedores de quentinha, doces e salgados, café, churrasco, frutas regionais, importados, ambulantes (antigos regatões), taxistas, carreteiros, choppeiros, açazeiros, padeiros, peixeiros e geleiros, sorveteiros e picolezeiros, pipoqueiros, bomboneiros e profissionais do sexo, os alunos tomaram conhecimentos de sua origem, motivos de migração (quando houve), formação escolar, experiências de trabalho em outros ramos, rendas, locais e condições de moradia, exercícios de direitos sociais básicos, tempos de trabalho, lazeres, credos religiosos, expectativas e perspectivas de vida, decepções sofridas, preconceitos, ódios, amores, satisfações vividas, formas de reivindicar direitos no viver urbano, entre outras questões que vieram à tona no momento da entre-vista.

Acompanho nas investigações dessas experiências desenvolvidas pelos alunos, que variados interesses postos em disputas na arena da vida social entre moradores, gestores públicos, comerciantes, pressionaram o traçar de outros caminhos para o constante redesenhar da urbanidade brevesense. Histórias de ontem e de hoje demonstram o aparecimento de várias cidades tecidas nas fimbrias de rupturas e permanências que produziram a Breves do presente. Paisagens modificadas, espaços de ausências, prédios modernos em coexistência com antigas construções, novos atores sociais, são elementos identificadores do movimento dialético pelo qual passa, respira e vive a cidade.

A partir de depoimento coletado por Ademir Neves com um ex-operário da Breves Industrial Sociedade Anônima (BISA)⁶, popularmente conhecido como Curió, é possível reconstituir em escritos de oralidade, lembranças do espaço portuário da cidade, nos idos dos anos 1960 e 1980.

A área da Breves Industrial S/A era ali onde foi construída a praça do Operário e o terminal hidroviário da cidade. O porto da BISA era todo de madeira, no início era de troncos ou toras colocadas umas sobre as outras, formando assim um tipo de fogueira. Isso entre 1960 e 1968, se não estou enganado. Depois foi preciso reforçá-lo para que as balsas carregadas de toras de madeiras pudessem atracar sem danificar o porto. Foi aí que, em 1968 ou 70, foram colocadas toras fincadas na praia para sustentar melhor o peso de guindastes que retiravam as toras de dentro dos porões das balsas. Sobre o trapiche existia um trilho por onde as toras eram puxadas até as serras, que ficava dentro da serraria para serem serradas. Naquele tempo, existia uma cobertura sobre parte do trapiche, onde eram armazenados os fardos ou pacotes de tábuas que eram embarcados nos navios estrangeiros que atracavam em Breves. As tábuas eram classificadas como é até hoje: tipo exportação, primeira e segunda. Os sarrafos ou restos de madeira eram espalhados pelas ruas da cidade, para “aterrar” as ruas (Entrevista com o ex-operário da BISA, vulgo Curió, no dia 27 de agosto de 1998. In: NEVES, 1999, p. 03).

Situados na “melhor zona fertilíssima da hevea brasiliensis”, como assinalou Theodoro Braga em sua monografia, “O município de Breves de 1738-1910”, os primeiros traçados urbanos de Breves começaram pelo seu porto. Ainda que o município tenha adquirido sua emancipação política no final do século XIX, é somente a partir de 1912, depois que o núcleo urbano deixou de ser em Antônio Lemos, hoje um de seus distritos, que o lugar vai compondo sua fisionomia de cidade. A partir dos anos de 1930, depois do enfraquecimento dos seringais que marcaram a história do município, em função de sua posição geograficamente estratégica, porque está no chamado corredor Belém-Macapá, e instalação de grupos empresariais na região, a extração da madeira impulsionará e apressará o crescimento do espaço urbano.

Dialogando com lembranças de Curió, assinalo que as fisionomias reconstituídas de uma Breves que estava se fazendo com recursos da floresta marajoara parecem difíceis de serem repintadas pelos pincéis de uma memória dos tempos presentes. O viver dos moradores tanto daqueles que trabalhavam na BISA, quanto daqueles que acompanhavam o cotidiano de trabalho no povoado, assistindo freqüentemente as chegadas e saída de navios provenientes de diferentes nações, estava assentado em padrões, valores e costumes que respondiam a materialidade e mentalidade desses pretéritos tempos.

A avenida presidente Getúlio passava por dentro dos dois galpões da Breves Industrial S/A. As pessoas passavam por dentro dos dois galpões da serraria, por cima dos trilhos, quando tinham que ir daí da frente da igreja lá para a prefeitura, ou virem de lá pra cá. Na época da festividade de Nossa Senhora Sant’Ana, em julho, a procissão passava entre os dois galpões que, separavam o porto da serraria. Entre esses galpões que a procissão passava, vinda dos lados da Prefeitura Municipal. Parece, não sei ao certo, que a procissão fazia o seguinte percurso: saía da Igreja Matriz e descia pela Presidente Getúlio, indo até a

Castilhos França, por onde subia até a rua Dr. Assis, por onde ia até em frente ao Hospital do F.S.E.S.P (Fundação Serviço de Estado de Saúde Pública) e hoje é da Fundação Nacional de Saúde. Era por aí que a procissão entrava pela Praça da Bandeira, atrás da Prefeitura, descia novamente pela Presidente Getúlio, passando entre os galpões da BISA, chegando à Igreja Matriz.

Uma cidade religiosa se confundia com a cidade de uma importante indústria madeireira. Trabalho e religiosidade católica pareciam estar lado-a-lado. Dirigida por religiosos agostinianos que se instalaram em Soure, no Marajó dos Campos, a partir de 1930 e em Breves na década de 1940, a festa religiosa mais importante era de sua sempre padroeira, N. Sra. de Santana (PACHECO, 2007)⁷. O itinerário das procissões sinaliza que a vida da cidade estava centrada na chamada rua da frente, hoje Avenida Presidente Vargas, banhada pelo rio Parauau, onde florem os portos breveses⁸.

Constituiu-se em Breves uma elite endinheirada, no período em que o ouro de suas riquezas descendia da compra, beneficiamento e exportação da madeira para o exterior. Essa classe empresarial madeireira consumia biscoitos, conservas, cervejas, uísques e cigarros finos vindos de distintas nacionalidades, o que parece indicar que a cidade viveu seu tempo de glamour, com traços semelhantes ao que Belém vivera no tempo da Belle-Époque (SARGES, 2000; 2002). Conforme José Maria Garcia, bancário e antigo morador de Breves,

no caso das cervejas, muito antes das latinhas serem produzidas no país, Breves já se dava ao luxo de beber cerveja em lata da Alemanha, Dinamarca, Suécia e Estados Unidos. Nas noites de dominó na casa do Frei Dolsé era comum o Manoel Câmara exibir-se com vistosas e refinadas embalagens de cigarros Viceroy e Rothmans (NEVES, 1998, p. 06).

Nesses tempos, um cotidiano das festas era montado com a presença de equipamentos e comportamentos que hoje faz parte de uma história-memória.

(...) À noite, eram os músicos que alegravam a gente, tocando os “dobrados”. Nesse tempo, ainda não existia os aparelhos de som que tem hoje. Quem quisesse tomar um refrigerante ou uma cerveja gelada, era só ir lá no Bar Nazaré, de propriedade do Henrique. O Bar Nazaré ficava cheio de gente depois da procissão. Nessa época, mulher não entrava em bares e se a gente convidasse uma mulher para tomar refrigerante, a gente tinha que entrar no bar, comprar e levar a ela lá fora. Elas não entravam em bares de jeito nenhum, pois ficariam “faladas” (NEVES, 1998).

Um ambiente festivo de uma população marajoara revive-se nessas memórias. Formados dentro de princípios morais de uma cultura sonora rural/florestal/ribeirinha, moradores urbanos construía outros significados e práticas para os espaços festivos, distinguindo com clareza os lugares onde a mulher deveria se revelar publicamente. Transgredir esses princípios, referentes de uma cultura assentada em resíduos do patriarcalismo, denegriria a imagem da mulher que nascerá para ser dócil, meiga, filha, esposa e mãe.

A frente da cidade era ornamentada com palmeiras reais, do mesmo tipo que tem no jardim Botânico, no Rio de Janeiro. Sobre essas palmeiras havia uns bancos pra gente sentar, à tarde ou à noite pra namorar ou conversar. A gente chamava aquela pracinha da orla marítima de “Balaustrada”, onde ficava as palmeiras. Elas localizavam-se, uma as proximidades do Bar Nazaré, a outra mais ou menos em frente onde tem aquele relógio e a outra, bem em frente à casa do Sr. Antonino Barros onde hoje é a “Paragás” (NEVES, 1998).

As rememorações da cidade vêm pelos fios da memória do presente de Curió com tonalidades nostálgicas. Breves tinha, em tempos pretéritos, um semblante verdejante comparada ao jardim botânico da cidade maravilhosa. A cidade de hoje além de sua face violenta, tem um rosto poluído, carregado de dejetos e restos de materiais físicos e humanos em sua orla. Assimilo pelas entrelinhas desta narrativa, um esforço do depoente por identificar seu antigo habitat como um lugar onde viver parecia ser mais fácil.

As relações de namoro, ocorridas na praça pareciam ser de maiores respeitos. Na cidade do passado apresentada pelo narrador, as sociabilidades transcorriam e se transmitiam sem muitas complicações. Questiono, no entanto: seria o passado vivido tão tranqüilo assim? Ali não havia conflitos, decepções, transgressões? Possivelmente a Breves com seus problemas foi guardada em outra gaveta da

memória, para que o depoente de Neves não manchasse a imagem positiva de uma cidade que pretendeu apresentar para as gerações futuras. É preciso, no entanto, conhecer essa cidade e suas outras fisionomias para termos melhores condições de entender como ocorre/eu sua produção, bem como suas mutações e vivências em seus portos.

4. Nos rastros de outras Breves:

Face-a-face com trabalhadores portuários

Esta cidade floresceu bastante (...), graças ao seu excelente porto e a sua situação vantajosa sobre o magnífico canal do Parauahú, que tem sido o único caminho livre e franco para toda a sorte de navios e vapores, que de Belém demandam as águas do Amazonas. (BRAGA, 1919, p. 19)

Passagem para muitos lugares, desde o nascimento da municipalidade no século XVIII, o porto de Breves ganhou destaque, no cenário da Amazônia paraense, a partir dos tempos em que o ouro negro atraía navios e vapores para os seringais da região. Município de maior produção gomífera, na região das ilhas, entre o período de 1900 a 1910 (WENSTEIN, 1993), o porto de Breves, resguarda histórias de muitos relacionamentos sociais e de trabalho.

Na década de 1990, o esgotamento das riquezas naturais da região, concomitante à apropriação das reservas florestais por empresas de palmito e de madeira, pressionaram a saída de muitas famílias ribeirinhas de seus antigos habitats, contribuindo para o surgimento de novos bairros na cidade. Estes bairros, constituídos nas fímbrias das intervenções públicas, carentes de infra-estrutura urbana, impulsionaram o nascimento de outras dinâmicas de trabalho e modos de vida, assim como os costumes e tradições da floresta renovaram-se e amalgamaram-se com os códigos do mundo citadino (PACHECO, 2006).

Nesse universo, o espaço brevesense aparece carregado de diferentes aspectos da cultura dos povos das águas marajoaras, nele os saberes do mundo rural, o modo de lidar e garantir a vivência física, as astúcias construídas para burlar as carências materiais, a visão de mundo, o olhar de esperança, dimensionam o cotidiano desses moradores que não pode ser deixado encoberto por uma visão economicista e restrita, quando se estuda a produção do trabalho e as relações sociais em territórios urbanos, muitas vezes lida pela exclusiva lógica do capital.

Fala, por exemplo, do carreteiro Sebastião entrevistado por Neves, traz à tona mecanismo encontrado para conseguir usuário de seu trabalho num espaço competitivo em que a esperteza garante o ganha-pão.

Eu não acredito que o caboco não arranje nem pra comer, aqui na berada. As vez, eu tenho que passá para ôtros os carroto que aparece pra mim e que eu não posso fazê. Sabe, a gente tem que sabê levá o freguês. A gente tem que sabê se relacioná bem com osôtro, fazê amizade e aí a gente arranja serviço, porque se ele não soubé fazê amizade, ele dança (NEVES, 1998).



Foto 2: Imagem de parte da Avenida Getúlio Vargas e Praça do Operário, em Breves, saída do Terminal Hidroviário Basileu Corrêa. Espaço de atuação de diferentes trabalhadores urbanos, entre eles está seu José Olivaldo Braga, carreteiro que garante sua sobrevivência e de sua família por meio do transporte de mercadorias, bagagens e encomendas vindas de outras cidades amazônicas, especialmente Belém. Breves, 16 de janeiro de 2006. Foto da pesquisa de (ROCHA & ROCHA, 2006, p. 35).

Fazer amizade com as pessoas que chegam e saem da cidade torna-se senha para conquistar o freguês que tem ao seu redor uma “penca” de carregadores por quem pode optar. As relações entre carregadores e usuários, ultrapassam nesses termos, a compra e venda de um serviço e alcança a construção de relações de amizade e confiança. Nesse momento, sociabilidades e sensibilidades humanas também compõem os sentidos das escolhas que os moradores fazem do trabalhador portuário.

Em outra entrevista, Ademir Neves publiciza fala apelativa utilizada por outro trabalhador para conseguir ajuda: “Hoje eu ainda não arranjei nada. Eu não tenho um puto tostão nem pra comprar bóia. Me arranja ai uma grana, tá?”. Na análise do professor, emerge deste depoimento uma relação oportunista de alguém que se faz passar por carreteiro, mas não exerce com assiduidade sua profissão. A conclusão a que Neves chega, assinala que o depoente utiliza-se do ambiente de trabalho para adquirir recursos que sustente seu vício na bebida.

Diante desses dois depoimentos, o primeiro se auto-identificando como trabalhador atencioso, alegre, usando inteligência para conquistar o freguês e o último, trabalhador bêbado, pouco responsável com sua profissão, clareiam-se diferenciações e complexidades na composição da identidade do trabalhador pobre que atua no porto de Breves.

Alguns questionamentos para escavar origens dessa diferenciação poderiam ser feitas, nesse momento, mas como não é meu objetivo neste texto discutir a psicologia do trabalhador, deixo em aberto para o leitor elaborar suas próprias reflexões. O que desejo é sinalizar que longe de cair numa visão homogênea do trabalhador não assalariado que luta com afinco para garantir o mínimo de condições materiais de vida, é preciso valorizar a diversidade de comportamentos adotados por esses homens do porto e os significados que atribuem para a atividade que desenvolvem.

Trabalho oito anos nessa profissão, já trabalhei e às vezes ainda trabalho fazendo bico, quando o cara me convida para limpar um quintal ou cobrir uma casa, eu vou, mas o meu negócio mermo é vender quentinha, né passero, fui o primeiro vim do interior para estudar e também porque lá era muito difícil as coisas os recurso também (Entrevista com Moisés Medeiros de Carvalho, realizada no dia 07 de janeiro de 2006, às 10h, no Terminal Hidroviário de Breves. In: FERREIRA & SANTOS, 2006, pp. 61-62).

Cruzando esse cotidiano de desafios pela vida em meio aos ardis e facilidades de se partilhar vivências urbanas, outros trabalhadores se podem surpreender, percorrendo a orla da cidade. Entre eles, vendedores de quentinha ganham visibilidade. Quando os barcos atracam os portos de Breves, entre os

carregadores, taxistas, vendedores de frutas, salgados, café com tapioca, pão, aparece este vendedor de refeições. Moisés é um desses vendedores que, ao migrar do espaço rural/florestal, encontrou no comércio ambulante de quentinhas uma forma de garantir a manutenção das necessidades físicas e materiais suas e de sua família. Carregado de sonhos e imaginários positivos em termos de realização pessoal, comuns ao universo de quem atravessa da floresta para a cidade, Moisés é mais um ribeirinho do meio rural, que ao migrar para o núcleo urbano brevense instituiu inicialmente como referência para suas conquistas na cidade, a formação educacional.

Eu estudei até a segunda série mas me arrependo porque se estivesse estudado mais, quem sabe não tinha hoje em dia um emprego bom, até mesmo na Prefeitura, hoje em dia boto meus filhos pa estudar porque não quero que eles fiquem na mesma lida que estou. (Entrevista com Raimundo Machado, no dia 07 de janeiro de 2006, às 8h, no Porto do Açai. In: FERNANDES & BRILHANTE, 2006, p.53)

Rascunhar outra trajetória de vida para seus filhos diferente da sua, é um desejo facilmente encontrado quando diálogo com homens e mulheres oriundos do meio rural que hoje habitam o meio urbano marajoara. Contudo, a maioria, por uma série de motivos que envolvem falta de emprego, dificuldade de exercitar o direito à cidade, gestão e pedagogia da escola pouco sensível aos seus saberes e modos de ser, especialmente no que concerne a proposta curricular, geralmente pouco identificada com os interesses culturais dessas populações, não consegue alçar vôos maiores, desistindo nos primeiros anos da caminhada. O resultado é um grande número da população, pouco afinada com os códigos do mundo letrado e marginalizadas em seus direitos sociais. Dentro desses códigos, destacam-se as políticas normatizadoras que o poder público pretende implantar, geralmente de maneira pouco dialógica, no cotidiano de trabalho da cidade.

Por dentro dessas prerrogativas, em Breves Neves assinala que na década de 1980, a prefeitura na tentativa de controlar práticas batizadas como irregulares para uma vida urbana, construiu um ponto exclusivo, onde os taxistas deveriam ficar instalados a espera de seus usuários. Requerimento feito por um vereador indica esse tipo de política adotada pelo poder público:

Requeiro ao douto soberano plenário desta Casa de Leis, que analisem este trabalho e se aprovado encaminhe copia ao Poder Executivo, no sentido de se determinar um local para ser utilizado pelos vendedores ambulantes que estão sendo pressionados pelos fiscais e policiais da cidade (NEVES, 1998).

Objetivando disciplinar condutas para mudar comportamentos de transeuntes que trafegavam pelo trapiche municipal tanto para receber ou deixar parentes, amigos ou encomendas, assim como assistir a chegada dos barcos, prática que ainda hoje se constitui como uma forma de entretenimento e sociabilidade em cidades ribeirinhas, nos primeiros anos da década de 1980 a câmara municipal recebeu requerimento exigindo a construção de um espaço sentinela para a implantação da PM-Box (NEVES, 1998).

As transgressões que o poder público em parceria com a polícia pretendiam controlar, expressavam-se em xingamentos aos passageiros por parte dos vendedores de sorvetes, ou de outros transeuntes, brigas, furtos, tentativas de fugas de menores, presença de pessoas perigosas, sujeitos que tentavam viajar sem pagar sua passagem. O pipocar de tais práticas no porto de Breves, sinaliza que a organização da vida urbana precisa levar em conta o exercício pleno de uma cidadania participativa, cujas vozes, desejos e perspectivas de populações, especialmente oriundas de migrações ribeirinhas/florestais precisam ser ouvidas. Para dizer de outro modo, a presença de atitudes consideradas desviantes e marginais pelos poderes constituídos, exigem políticas sociais adequadas e possíveis para populações historicamente empobrecidas.

Desse modo, posso afirmar que os territórios do porto de Breves são espaços de infinitas lutas e disputas. Fala do trabalhador João Coelho indica como os postos de carreteiros tornaram-se disputados e conflituosos com a presença de outros agentes sociais – os menores de idade, que ao baratarem o serviço, ganham a freguesia dos antigos carreteiros. “(...) Quando eu comecei a fazer carreto (há 14 anos atrás) a gente ganhava melhor do que hoje em dia. Naquela época tinha poucos carreteiros e não tinha tantos “moleques” fazendo carretos e tirando o serviço da gente” (NEVES, 1998).

Por fim, se os espaços da cidade podem ser assimilados como territórios de disputas e conflitos, neles também se materializam outras práticas e relações de convivências, tanto entre trabalhadores portuários, como entre os próprios moradores. Se o dia-a-dia na orla de Breves for observado com atenção, manifestações de solidariedade podem ser facilmente percebidas nas formas como os trabalhadores, por exemplo, partilham seu lanche, negociam a distribuição das cargas e encomendas que chegam ou se ajudam em momentos de acidentes e confraternizam-se nos momentos de diversão. Desse modo, têm-se, no relacional jogo conflitos/sociabilidades, dimensões de vivências que configuram traços da identidade de cidades ribeirinhas nos “Marajós”, sejam em regiões de Florestas ou de Campos.

5. Deixando as margens da cidade: *Avistando outros horizontes*

Ao longo do texto, esforcei-me por realizar uma leitura das lembranças do espaço urbano e das experiências de trabalhadores portuários, que habitam lugares pouco conhecidos na Amazônia e no restante do Brasil, objetivando demonstrar como os portos existentes em cidades ribeirinhas são *locus* de memórias para a tessitura de muitas histórias.

Carregados de sentimentos, visões de mundo e projetos de uma vida melhor, mesmo que cotidianamente venham experimentando preconceitos e limitações em suas maneiras de garantir e gozar dos direitos à cidade, homens e mulheres dos Marajós de ontem e de hoje, continuam a pelejar, usando suas próprias táticas para enfrentar a exclusão, a exploração e o abandono social historicamente lhes ofertados (CERTEAU, 1994).

Procurando fugir de conceitos exógenos comuns nas pesquisas convencionais em humanidades, tentei forjar entendimentos da cultura do trabalho que se constrói em territórios portuários breveses, seguindo as próprias pegadas e sentidos que moradores e trabalhadores imprimiram ao comporem suas memórias (THOMSON, 1997).

Por se tratar de uma primeira aproximação com o estudo desta realidade, que disputa com Soure o título de “a capital do Marajó” e passou a ser apresentada como a cidade das micaretas de carnaval dentro e fora de época, outras práticas sociais de moradores breveses, precisam ser avistadas pelas novas viagens e pesquisas pelos “Marajós”, entre elas destaco as festas, os saberes do mundo rural e os muitos territórios de sociabilidades cotidianamente construídos.

Mesmo consciente de que o artigo apontou apenas sinais das dinâmicas do trabalho portuário e da história de Breves, nele procurei problematizar algumas memórias, para dar visibilidade a outros horizontes da identidade histórica da cidade e de seus moradores. Assim, posso dizer que o resultado dessa investigação, em que um dos pilares está na parceria estabelecida com os alunos, traduziu nossos esforços e nível de compreensão desse pedaço importante de Breves que, olhado pelo ângulo do trabalho, permitiu reconstituir trajetórias de sua histórica formação urbana.

NOTAS

¹ Mestre e Doutor em História Social pela PUC-SP. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará

* Atualmente, no campo da História Oral, a entrevista constituiu-se em uma técnica de coleta não somente de informações, mas especialmente dos sentidos e significados que as pessoas atribuem às suas experiências. Esse campo passa a compreender que uma entrevista verdadeiramente acontece quando dois sujeitos constroem uma relação dialógica, estando, portanto, entre duas vistas, entre-vistas.

² O Município de Breves pertence à mesoregião de Marajó e a microrregião Furos de Breves. Limita-se ao Norte com Afuá e Anajás; ao Sul com Melgaço e Bagre, a Leste com Anajás, Currealinho e São Sebastião da Boa Vista e a Oeste com Melgaço e Gurupá. Possui uma área de 9.550,454 km² e uma população de 95.084 hab. estimada para 2006. Disponível em http://portalamazonia.globo.com/artigo_amazonia_az.php?idAz=577. Acesso em 14 de maio de 2008, às 8h50min.

³ O município de Breves foi criado pela Resolução nº 200, de outubro de 1851, com a elevação da freguesia de Nossa Senhora dos Breves à condição de Vila. Durante a colônia, na Missão dos Bocas, dois irmãos portugueses, Manoel e Ângelo F. Breves ali se estabeleceram. Instalada toda a família na região, o capitão-general João de A. C. Branco, em 1738, concedeu a Manoel uma sesmaria, confirmada pelo rei de Portugal, a 30 de março de 1740. Ali, Manoel construiu o engenho Santana, sítio conhecido como “Lugar dos Breves”.

Disponível em <http://www.famep.com.br/famep/municipio/historia.asp?IdMun=100115029>. Acesso em 14/05/08, às 10h20min.

⁴ Este espaço perdeu a importância que teve entre 1960 a 1980, quando foi o único porto de embarque e desembarque de passageiros chegados a Breves. Ali era parada obrigatória de navios que faziam viagens regulares pelo baixo Amazonas, ligando Santarém, Belém e Macapá as outras pequenas cidades da região. Informações obtidas a partir do trabalho de NEVES (1998, p. 08).

⁵ A construção do terminal hidroviário Basileu Corrêa emerge como espaço de organização, controle e disciplina de práticas sociais vistas como irregulares e clandestinas. Análise baseado em NEVES (1998).

⁶ Construída em 1925, tornou-se representante de um período áureo da cidade, quando Breves ficou conhecida como “Celeiro Mundial da Madeira”. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Breves>. Acesso em 14/05/08, às 10h40min.

⁷ Pesquisando em Breves, especialmente no livro do Tombo da Paróquia de N. Sr^a de Santana, percebi um forte relacionamento entre o clero local com a elite madeireira. Para a construção das capelas, no espaço rural, por exemplo, nos anos de 1940/50, a Igreja recorria ao poder público ou a empresas madeireiras.

⁸ No que concerne aos significados que a rua da frente possui na vida dos moradores de nascentes cidades amazônicas, ler: LACERDA (1999, pp. 199-224).

Referências

- AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Apresentação. Usos & abusos da História Oral*. 4^a. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2001.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. *Apresentação*. In: *Projeto História 16*. São Paulo: Educ, fevereiro/1998.
- BERNARDO, Teresinha. Prefácio. In: MERLO, Márcia. *Memória de Ilhabela Faces ocultas, vozes no ar*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.
- BRAGA, Theodoro. *O Município de Breves – 1738 a 1910*. Belém: Impresso pela Empresa Graphica Amazônia, 1919.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Cotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FERNANDES, Luis Nazareno Miranda & BRILHANTE, Ney Paulo Nunes. Paixão e disputa no porto de Breves: Aspectos do trabalho de vendedores de açaí. In: In: PACHECO, Agenor Sarraf (Org.) *Memórias da Sobrevivência: Cotidiano e modos de trabalho no porto de Breves-Marajó-Pa*. Breves, janeiro de 2006.
- FERREIRA, Clebson Baia & SANTOS, Maria Elisângela Gomes dos. Sonhos encolhidos: Vendedores de quentinha em sua desigual luta por sobrevivência na orla de Breves. In: PACHECO, Agenor Sarraf (Org.) *Memórias da Sobrevivência: Cotidiano e modos de trabalho no porto de Breves-Marajó-Pa*. Breves, janeiro de 2006.
- FENELON, Déa Ribeiro. (Org.) *Cidades – Pesquisa em História 1*. SP: Olhos d’água, 1999;
- HALL, Stuart. *Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LACERDA, Franciane Gama. Cidade, memória e experiência ou o cotidiano de uma cidade do Pará nas primeiras décadas do século XX. FENELON, Déa Ribeiro (Org.) *Cidades – Pesquisa em História 1*. São Paulo: Olhos d’água, 1999, pp. 199-224.
- CRUZ, Lucicleia dos S., ANTEMES, Lucinara C. & CRUZ, Antonia do S. V. FRUTAS REGIONAIS VITAMINANDO A VIDA URBANA: Fruteiros disputando mercado e diversificando a economia brevesense. In: PACHECO, A. S. (Org.) *Memórias da Sobrevivência: Cotidiano e modos de trabalho no porto de Breves-Marajó-Pa*. Breves, janeiro de 2006.
- MACEDO, Concessa Vaz de. Da lavagem de roupa às branquearias comerciais: sobre o papel das lavadeiras na Escócia setecentista. In: *Projeto História 16*. São Paulo: Educ, fevereiro/1998.
- NEVES, Ademir Lopes das. *O cotidiano portuário de Breves em 1990*. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura e Bacharelado em História. Breves: UFP^a, 1999, p. 03.
- NEVES, Frederico de Castro. Economia moral versus moral econômica (ou: o que é economicamente correto para os pobres?) In: *Projeto História 16*. São Paulo: Educ, fevereiro/1998.
- PACHECO, Agenor Sarraf. *À margem dos Marajós: Cotidiano, Memórias e Imagens da “Cidade-Floresta” Melgaço-Pa*. Belém: Paka-Tatu, 2006.

- _____. *Saberes e Religiosidades em Interfaces Oraís e Letradas nos Marajós do século XX*. Texto de Qualificação da Tese de Doutorado em História Social pela PUC-SP, Agosto de 2007.
- PECHMAN, Robert. *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A cidade sobre os ombros: Trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925). In: *Projeto História 16*. São Paulo: Educ, fevereiro/1998.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. In: *Projeto História 14*. São Paulo: PUC/SP, fev/1997, pp. 25-39.
- RAMOS, Ruth Martins. *O poder da guilhotina: Relações de trabalho & cotidiano das operárias da madenorte*. Monografia de Conclusão de Curso de Licenciatura e Bacharelado em História pela UFPA, Campus Universitário do Marajó, Núcleo de Breves, 1996.
- SANTANA, Charles D'Almeida. Trabalhadores rurais do Recôncavo Baiano: Memórias e Linguagens. In: *Projeto História 16*. São Paulo: Educ, fevereiro/1998.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle Époque (1870- 1912)*. Belém. Paka - Tatu, 2000;
- _____. A cidade de Belém no tempo da borracha. In FONTES, Edilza (org). *Contando a História do Pará*. Vol. II. Belém: E. Motion, 2002.
- SILVA, Maila Mendes da & NOGUEIRA, Maria de Jesus Tavares. Esfriando a agitada vida urbana: Vendedores de picolés e sorvetes entre memórias e histórias. In: PACHECO, Agenor Sarraf (Org.) *Memórias da Sobrevivência: Cotidiano e modos de trabalho no porto de Breves-Marajó-Pa*. Breves, janeiro de 2006.
- THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In: *Projeto História 15*. São Paulo: PUC/SP, nov/1997, pp. 51-71.
- WEINSTAIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: Expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.